



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
CAMPUS AVANÇADO DE PATU (CAP)
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS (DLV)
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS
LITERATURAS**

CLARISSE MARIA DE OLIVEIRA LIRA MOURA

**IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM EM TENSIONAMENTO NO FILME
BACURAU (2020)**

**PATU/RN
2024**

CLARISSE MARIA DE OLIVEIRA LIRA MOURA

IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM EM TENSIONAMENTO NO FILME BACURAU

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – *Campus* avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Aline Almeida Inhoti

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada

PATU – RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M929i Moura, Clarisse Maria de Oliveira Lira
Ideologias de Linguagem em Tensionamento no Filme Bacurau (2020). / Clarisse Maria de Oliveira Lira Moura. - Patu/RN, 2024.
57p.

Orientador(a): Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Bacurau. 2. Ideologia de linguagem. 3. Colonialidade do saber e poder. 4. Produção cinematográfica. 5. Nordeste. I. Inhoti, Aline Almeida. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

CLARISSE MARIA DE OLIVEIRA LIRA MOURA

**IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM EM TENSIONAMENTO NO FILME *BACURAU*
(2020)**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras Língua Portuguesa, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 27/02/2024

Banca Examinadora

Aline Almeida Inhoti

Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti – Presidente
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Documento assinado digitalmente
ANDREIA ARAUJO DA NOBREGA
Data: 04/03/2024 13:16:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Andreia Araújo Nóbrega
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Keila Lairiny Câmara Xavier

Prof. Me. Keila Lairiny Câmara Xavier
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Dedico este trabalho acadêmico a minha querida avó materna, Anaiza Oliveira (*in memoriam*), ela que sempre esteve presente na minha vida, não diferente me acompanhou na árdua caminhada para chegar até aqui, meu coração chora a sua falta por não está mais aqui comigo neste momento ímpar em minha vida. A senhora que passou muitas noites acordadas esperando-me finalizar minhas atividades avaliativas, sentava-se quietinha na cadeira a minha frente, e ficava ali até eu finalizar somente para não me deixar sozinha, hoje olho para a cadeira que está a minha frente na mesa ela se encontra “vazia”, mas sinto a sua presença aqui comigo como sempre fez, me dando a força necessária que preciso para finalizar essa fase de conclusão. A senhora dedico este trabalho, minha estrelinha, te amo.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus por ter me concedido forças físicas e inteligência emocional para que eu não desistisse da conclusão do curso, me abençoou com a sua divina misericórdia, me dando saúde e força de vontade para finalizar este trabalho.

A minha filha Maria Esther que foi meu combustível para finalizar esse processo, em você minha filha encontrei forças para seguir com a minha escrita todas as vezes que me faltava coragem para continuar era no seu abraço e no delicioso cheiro dos seus cabelos cor de mel que eu encontrava ânimo para prosseguir. Você chegou quando eu estava no quarto período do curso me trouxe um misto de sentimentos de preocupações em relação a continuar a faculdade, pois queria que a fase do início da minha maternidade fosse única e exclusiva dedicada a você filha, foi a partir desse desejo que decidi trancar por dois períodos o curso para me atentar somente a você e aos seus cuidados. Você foi o motivo para adiar o sonho de ter uma formatura e o combustível para eu voltar ao curso e concluir com êxito e mais calma, muito obrigada meu amor.

Agradeço ao meu esposo e companheiro de caminhada que sempre esteve comigo me ajudando incansavelmente tanto com aspectos que me motivasse a finalização desta fase como auxiliando em tarefas domésticas e cuidados com a nossa filha para que eu pudesse me dedicar mais tempo à construção do trabalho. Agradeço por sempre ter acreditado em mim e no meu potencial. Seu amor, companheirismo, apoio e compreensão foram imprescindíveis para que eu pudesse ter coragem de enfrentar os obstáculos e seguir em frente com o TCC.

Aos meus familiares que estiveram presentes nesta minha caminhada até aqui, em especial a minha mãe Cláudia Oliveira que apesar das suas limitações sempre esteve presente me acompanhando e me dando forças para seguir em frente pois segundo ela, ter uma filha formada é motivo de muito orgulho. Agradeço a minha tia Clenilda Oliveira, minha prima Mayara Oliveira por sempre me apoiar e dar ânimo para a conclusão do curso.

Agradeço às minhas tias Joana Darc e Fátima que foram as minhas primeiras professoras, me ensinaram e repassaram o valor da educação, o meu muito obrigada

vocês foram muito importantes para a construção de quem eu sou hoje também agradeço ao marido da minha tia Agildo que me cedeu o seu computador para que eu pudesse concluir a escrita deste trabalho.

Aos meus bisavós (*in memoriam*) que também participaram da minha vida estudantil, lembro-me quando meu bisavô Vicente Felipe iria me deixar na escola rural dos anos iniciais em sua bicicleta simples, mas com muito amor e minha bisavó que carinhosamente a chamava de vó Maria Francisca sempre estava às 6h30min a me esperar para o lanche antes de ir para a escola com um cafezinho quente e um delicioso cuscuz com leite que o mesmo ainda me faz falta até hoje. Ao meu avô adotivo José Maria, que carinhosamente o chamo de Dedé, expresso a minha profunda gratidão por ter me auxiliado durante toda a vida estudantil me levando e trazendo para a escola, mesmo sem estudos sempre me encorajava e me direcionava para o término de cada uma das fases estudantis.

Agradeço aos meus sogros Naide Moura e Adalberto Moura que no momento do ápice da minha escrita estiveram na minha casa me auxiliando nas atividades domésticas e no cuidado com a minha filha, para que eu pudesse me dedicar 100% a escrita do TCC, agradeço por todas as palavras de motivação e por todas as orações que foram voltadas para que obtivesse êxito na realização deste trabalho. estendo os meus agradecimentos a toda a família do meu esposo que direta ou indiretamente estiveram presente em minha trajetória estudantil.

A minha amiga Aparecida Oliveira estendo o meu profundo agradecimento pela sua amizade e companheirismo, tive a oportunidade de conhecê-la na faculdade e nossa amizade criou ligação para além dos muros universitários, foi uma peça extremamente importante para chegar na conclusão deste trabalho, nunca me negou ajuda e incentivo que eu era capaz de conseguir. A minha dupla da faculdade se tornou a minha dupla da vida onde sei que posso sempre contar, agradeço pela parceria de sempre.

As minhas amigas Amanda Maia e Paloma Gomes (nomes por ordem alfabética) agradeço porque sempre estiverem presentes na minha trajetória na faculdade, nosso ciclo de amizade também se estendeu para além da UERN e hoje usamos nossa amizade para compartilhar momentos felizes e conquistas sabendo

que também estamos dispostas a ajudar uma à outra no momento da aflição. Agradeço por terem sido tão importantes para a minha construção acadêmica.

Quero expressar minha gratidão aos meus colegas de sala, Isabelly, Jakeline, Wyslania, Lucas Paiva, Pedro Lucas e Ianne que foram muito especiais para mim por me acolherem em sua turma fizeram com que o processo de adaptação em uma nova turma fosse mais leve e prazeroso, agradeço imensamente e levarei vocês como recordação de um processo meu de superação.

Agradeço também à minha orientadora Aline Inhoti que fez uma orientação de excelência me dando todo o suporte necessário de forma totalmente humanizada e profissional, teve total comprometimento com a minha orientação ficando a disposição para sanar todas as minhas dúvidas em relação ao trabalho acadêmico deixo aqui o meu muito obrigada se não fosse a contribuição de seus conhecimentos não teria sido possível chegar até aqui.

Estendo meus agradecimentos a Profa. Me. Andreia Araújo Nóbrega e Profa. Me. Keila Lairiny Câmara Xavier por aceitarem compor minha banca de defesa. Agradeço por cada contribuição de ambas, saibam que cada sugestão levarei comigo para o resto da vida, pois, enriqueceram meu texto.

Quero expressar minha gratidão a todos os professores na UERN que me acompanharam durante toda a minha história acadêmica e que, de alguma forma, contribuíram para a elaboração deste TCC. Seus esforços e comprometimentos para oferecer um ensino de qualidade muito me inspiram. Agradeço também a equipe do departamento de letras que sempre estiveram dispostos a me auxiliar em dúvidas de inscrições, projetos e eventos.

RESUMO

O presente trabalho analisa as ideologias de linguagem em tensionamento no filme *Bacurau* (2020), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. De maneira específica delineamos alguns objetivos: Identificar as ideologias de linguagem tensionadas no filme *Bacurau*; analisar se as ideologias de linguagem têm intersecções com as categorias sociais de raça e classe social; e compreender como as ideologias de linguagem são construídas no filme *Bacurau*. Para fundamentarmos nossas análises, buscamos teorias que versam, principalmente, a respeito das ideologias da linguagem e colonialidade de poder e saber, são elas: Albuquerque Júnior (2011); Gal e Irvine (2019); Inhoti (2022); Moita Lopes (2013) e Kroskrity (2004); Quijano (2005) e Mignolo (2008), entre outros que foram necessários ao decorrer das discussões. Através das análises, observamos que o espaço nordestino é retratado como palco de ideologias que mobilizam discursos preconceituosos, criados pela colonialidade do poder e saber que região Sul do país, é considerada junto com o Sudeste como centro de privilégio econômico, social e cultural do Brasil, enquanto o Nordeste é marginalizado como periférico, atrasado e enraizado em tradições. Concluimos, ao final das análises, que as ideologias de linguagem presentes em *Bacurau* (2020) revelam tensões significativas no cenário cinematográfico, especialmente relacionadas às questões de raça, classe social e preconceitos regionais.

Palavras-chave: *Bacurau*; Ideologia de linguagem; Colonialidade do saber e poder; Produção cinematográfica; Nordeste.

ABSTRACT

This study analyzes language ideologies in tension within the film *Bacurau* (2020), directed by Kleber Mendonça Filho and Juliano Dornelles. Specifically, we outline several objectives: to identify the language ideologies under tension in the film *Bacurau*; to analyze whether these language ideologies intersect with social categories of race and social class; and to understand how language ideologies are constructed in the film *Bacurau*. To underpin our analyses, we draw on theories primarily addressing language ideologies, coloniality of power and knowledge, including works by Albuquerque Júnior (2011), Gal and Irvine (2019), Inhoti (2022), Moita Lopes (2013), Kroskrity (2004), Quijano (2005), and Mignolo (2008), among others relevant to the discussions. Through our analyses, we observe that the Northeastern region is portrayed as a stage for ideologies that mobilize prejudiced discourses created by the coloniality of power and knowledge, with the Southern and Southeastern regions considered centers of economic, social, and cultural privilege in Brazil, while the Northeast is marginalized as peripheral, backward, and rooted in traditions. At the conclusion of our analyses, we assert that the language ideologies present in *Bacurau* (2020) reveal significant tensions in the cinematic landscape, particularly concerning issues of ethnicity, social class, and regional prejudices.

Keywords: Bacurau; Language ideology; Coloniality of power and knowledge; Film production; Northeast Brazil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM: TECENDO DEFINIÇÕES AO TERMO	17
2.1 Definições sobre ideologias de linguagem	17
2.2 Colonialidade do poder.....	22
3 NORDESTE: ESPAÇO DE SABER E PODER	27
3.1 Sertão nordestino	27
3.2 O cangaço no Nordeste.....	30
4 BACURAU: UMA ANÁLISE DAS IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM	34
4.1 Bacurau: ideologias de linguagem em tensionamento no filme.....	34
5 CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

É frequente encontrarmos menção ao conceito *Ideologia da Linguagem* em estudos contemporâneos no campo da Linguística Aplicada. No entanto, percebemos que ainda existe uma complexidade acerca desse determinado campo que envolve a linguagem. Além disso, enfatizamos inúmeras possibilidades investigativas e interpretativas a respeito da teoria que se volta para estudos desta área que permeia a linguística.

Destarte, conforme teoriza Irvine (1989, p. 255), as ideologias de linguagem representam “o sistema cultural de ideias sobre relações sociais e linguísticas, juntas com sua carga de interesses morais e políticos”. De acordo com os argumentos levantados pela autora, entendemos que as ideologias da linguagem se constroem e se desenvolvem culturalmente, tendo ali um viés socialmente maior, no qual está presente e refletido contextos e culturas distintas.

Sendo assim, tomando como objeto de estudo para esta pesquisa as ideologias presentes na linguagem, analisamos como essa concepção pode ser apercebida na construção dos personagens do filme nordestino *Bacurau* (2020), dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, lançado nos cinemas dia 19 de agosto de 2020. A produção tem 2h10min de duração e se caracteriza como uma obra de suspense.

De maneira mais delimitada e específica, estudamos de forma analítica questões que dizem respeito a linguagem enquanto elemento ideológico da cultura nordestina do enredo *Bacurau*. O intuito de realizarmos essa análise ocorreu, sobretudo, pela inquietação em saber como as ideologias da linguagem estão presentes nas personagens de cultura nordestina à qual faz parte da história que perpassa o filme. Para construir nossa análise, selecionamos diálogos de alguns personagens e cenas do filme.

Assim sendo, propusemos este estudo, primeiramente por interesse pessoal em compreender as ideologias da linguagem, explorando as nuances e complexidades das identidades culturais na referida obra cinematográfica, *Bacurau* (2020). Ao analisarmos como as personagens utilizam a linguagem e como isso reflete suas ideologias e pertencimentos culturais, somos levados a refletir de forma mais aprofundada sobre nossa própria identidade e cultura. Para além disso, o fato de

Bacurau ser uma cidade fictícia no interior de Pernambuco instiga a pesquisadora, que também vive em um interior, a pesquisar e entender os sentidos construídos na obra, para melhor compreender a produção cinematográfica, a representação do seu espaço, o que, de certa forma, possibilita também olhar para si mesma.

Diante disso, pensando no âmbito acadêmico, o estudo das ideologias da linguagem contribui para com o avanço do campo das pesquisas da Linguística Aplicada. Enquanto socialmente, este estudo irá promover valorização e respeito pela diversidade cultural e linguística a partir da seleção feita de vozes e cenas da comunidade nordestina que se destaca durante o filme, combatendo, assim, os estereótipos e preconceitos linguísticos. Ao abordarmos esta temática, buscamos tornar a nossa pesquisa relevante de modo que venha a contribuir com futuras pesquisas na área das ideologias de linguagem.

Nesse contexto, por nos interessarmos em pesquisar as ideologias de linguagem, é que elencamos como tema de pesquisa do nosso estudo *Ideologias de linguagem em tensionamento no filme Bacurau*. Atentemo-nos, inicialmente, ao cenário do filme, que retrata a vida de pessoas que vivem em um povoado, no interior do sertão nordestino, em uma cidade fictícia cujo nome é Bacurau. O enredo do filme apresenta que os habitantes de Bacurau percebem o desaparecimento da cidade do mapa, e que estão sendo vigiados por *drones* que passeiam pelo céu da cidade. Na mesma proporção de tempo, o vilarejo recebe a visita de estrangeiros, momento em que carros são atacados por balas e cadáveres são encontrados. Nesse ápice, os moradores de Bacurau se dão conta que estavam sendo atacados e juntos arquitetaram um plano de defesa contra os invasores.

A cidade Bacurau, a qual se caracteriza por ser um lugar pequeno, centralizada no interior do sertão nordestino, é alvo de ataques, praticados por estrangeiros; destacamos que, um espaço cujo conceito seria a calma, tornou-se uma localidade movimentada e agitada, tendo em vista o cenário de guerra implementado pelo ataque. Os estrangeiros que invadiram a cidade objetivavam comandar toda a região, para isso, mataram vários moradores, atacaram casas, carros e comércios. Bacurau virou realmente um campo de guerra onde os moradores não recuaram à luta e reivindicaram seus direitos. Enquanto isso, em concordância com esse caos, o poder público da cidade também tentava manipular a população em busca de apoiadores

para o seu mandato. No vilarejo, não chegava condições mínimas de auxílio aos cidadãos por parte da gestão pública. Por esse motivo, os habitantes de Bacurau se opunham ao governo.

Podemos destacar, ainda, que, a cidade foi palco de acomodação para estrangeiros que vinham para o interior com o intuito de explorar suas terras e a comunidade. Outrossim, realçamos cenas estranhas, as quais começam a aparecer em território Bacurau, não dando espaço para a paz que tanto se ecoa quando se fala, socialmente, em interior de uma cidade. O campo de guerra foi, notoriamente, instaurado entre os moradores que ali habitavam, uma guerra que muito mais representava uma luta de defesa ao seu povo, do que propriamente, uma luta sanguinária. É importante ressaltar que os órgãos públicos não se associaram em defesa da população de Bacurau, os moradores não tinham nenhum aparato por parte da gestão pública que no filme é representado pelo prefeito da cidade. Tendo em vista os confrontos entre os estrangeiros e a população do interior, explicaremos o modo como a linguagem se articula por meio de ideologias linguísticas.

Levando em consideração os fatos elencados, destacamos que o objetivo principal dessa pesquisa é analisar os tensionamentos ideológicos no terreno da linguagem na produção cinematográfica Bacurau. De maneira específica, analisar se as ideologias de linguagem têm intersecções com as categorias sociais de raça e classe social; e compreender como as ideologias de linguagem são construídas no filme Bacurau.

Desse modo, buscamos sustentação teórica nos estudos de Gal; Irvine (2019) e (1989), por afirmarem que a cultura se articula com as relações sociais e linguísticas, juntamente com cargas de interesses morais e políticos; Hutton (1999); Bauman e Briggs (2003), Veronelli (2015), Ursulino (2023), Fries (2020), Pinto (2018) e Carmo (2015), a respeito das ideologias de linguagem, em que nesse sentido, mesmo sabendo que os grupos sociais se constroem histórica e localmente ideologias linguísticas, nada se compara aos efeitos mortais da combinação das ideologias linguísticas e das ordenações sociais desde a invenção da Europa e sua contraparte colonizada; Albuquerque Júnior com *A invenção do nordeste e outras artes* (2011), Aline Inhoti com *O mundo acadêmico é bem diferente do que pensamos* (2022), Anibal Quijano em *A colonialidade do saber* (2005), Gal e Irvine em *Sings of difference*

(2006), Alana Fries com *Ideologia de linguagem na modernidade recente* (2020); Judith Irvine com *When talk ins't cheap* (1989), entre que estarão presentes durante a fundamentação das análises.

Ao realizarmos esses estudos sobre ideologias da linguagem, percebemos o quanto a nossa pesquisa aborda fatos pertinentes, considerando que as análises do filme *Bacurau* (2020), ressalta dentro de sua construção aspectos ideológicos, marcados pelos diálogos das personagens como também o próprio contexto ao qual estão inseridos no filme. Nessa perspectiva, compreendemos que a obra causa uma reflexão não apenas do seu próprio contexto, mas, conseguimos repensar criticamente e refletidamente sobre a sociedade que vivemos.

Para entender o cenário do filme, buscaremos respaldo em Albuquerque Júnior (2011) para compreendermos como o espaço Nordeste, discursivamente, foi construído. Diante disso, é oportuno destacar que tais discursos retratam questões sociais, econômicas, culturais e históricas que posicionam discursivamente o Nordeste, principalmente, o interior, como inferior, tradicional, subdesenvolvido economicamente e tecnologicamente em relação à região Sudeste do país.

Nessa linha de pensamento, e a título de problematizar os discursos construídos sócio-histórico-ideologicamente, tendem a marginalizar a região Nordestina frente à região Sudeste e Sul do País em variados aspectos. A pesquisadora Inhoti (2022), em sua tese de doutorado, traz uma abordagem a respeito de como as ideologias da linguagem, em práticas de letramento acadêmico, constroem eixos de comparação e diferenciação ideológicos por meio da linguagem, nas quais as regiões Sudeste e Sul são posicionadas como desenvolvidas, tecnológicas e modernas, enquanto a região Nordeste é frequentemente caracterizada como tradicional, economicamente subdesenvolvida e socialmente marginalizada.

Desse modo, levando em consideração o contexto do filme, as discussões realizadas até o presente momento e instigados pelas ideologias de linguagem no filme *Bacurau*, a seguinte questão de ordem geral orienta nosso estudo: Como as ideologias de linguagem são tensionadas na produção cinematográfica no filme *Bacurau*? De acordo com esse questionamento geral, elencamos outros específicos: Quais as ideologias de linguagem são tensionadas no filme *Bacurau*? Como as

ideologias de linguagem são construídas no filme *Bacurau*? As ideologias de linguagem têm intersecções com as categorias sociais de raça e classe social?

A partir dos estudos sobre as ideologias de linguagem, ficamos motivados em lançar questionamentos sobre o modo como o Nordeste vem representado na obra; se a sua representação possibilita efeitos de valorização sociocultural, geográfica, linguística ou se há efeitos de exclusão social, econômica, sociocultural. Partindo disso, temos as seguintes hipóteses:

- As ideologias de linguagem mobilizadas no filme *Bacurau* são sustentadas por discursos socialmente e historicamente preconceituosos sobre a região;
- As ideologias de linguagem presentes no filme *Bacurau* possibilitam uma denúncia sobre a exploração da região nordestina.

Isto posto, a relevância desta pesquisa dá-se devido, primeiramente, à temática retratada no filme *Bacurau* e a relação com as ideologias de linguagem, uma vez que pode contribuir para o entendimento da teoria em uma prática analítica. Como os estudos na área da Linguística Aplicada, o trabalho também visa contribuir nesta perspectiva, somado ao fato de que ainda há poucos trabalhos que analisam ideologias de linguagem e suas construções de eixos de comparação e diferenciação ideológicos sobre as regiões Nordeste e Sul e Sudeste do Brasil, conforme é apontado por Inhoti (2022).

Além disso, observamos que a obra cinematográfica *Bacurau* (2020) teve bastante crítica e reconhecimento, o que denota a importância da obra. Por isso, destacamos que o trabalho pode contribuir para enriquecer os modos de leitura cinematográfica, possibilitando ampliar o senso crítico e visões menos reducionistas e marginalizadas do espaço nordestino. Para mais, a pesquisa será de grande valia, quando pensamos no espaço acadêmico, pois é a partir de pesquisas como essa que construímos pesquisadores bem mais cientes do modo como as ideologias são construídas por meio da linguagem.

Para desenvolver nossa pesquisa partiremos, inicialmente, do levantamento teórico sobre as ideologias de linguagem e os discursos sobre o Nordeste, buscamos também o aprofundamento da metodologia de pesquisa, em seguida, alinhamos as discussões sobre os dados encontrados para assim chegar nos resultados.

Com isso, caracterizamos nosso estudo como sendo qualitativo de caráter bibliográfico. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam os mais variados contextos em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Também na mesma linha de pensamento, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que envolvem; e bibliográfica porque é apoiada em teorias que tecem sobre nosso objeto analítico de estudo, conforme é pontado por Gil (2002).

Sendo assim, a nossa pesquisa é qualificada como uma pesquisa qualitativa, interpretativa, a qual será construída por meio de interpretação linguística, cultural, histórica, política e social. Para mais, através de pesquisas que envolvam as ideologias de linguagem, explicaremos como as ideologias de linguagem são tensionadas no filme *Bacurau*.

Para tanto, nossa pesquisa é estruturada da seguinte forma: *1 Introdução; 2 Ideologias de linguagens: definições, 2.1 Definições sobre ideologias de linguagem e 2.2 Colonialidade do poder*, abordamos as ideologias de linguagem; *3 Nordeste espaço de saber e poder, 3.1 Sertão nordestino e 3.2 O cangaço no Nordeste*, tecemos o Nordeste como espaço do saber e poder; *4 Bacurau: uma análise das ideologias da linguagem, 4.1 Bacurau um filme nordestino e 4.2 Análise das ideologias de linguagem tensionadas no filme*, analisamos cenas e personagens do filme *Bacurau* (2020); e, por último, *5 Conclusão*, apresentando os resultados da pesquisa.

Ao final do estudo analítico, inferimos que as ideologias de linguagem presentes em *Bacurau* (2020) revela tensionamentos significativos no terreno da linguagem, especialmente, relacionados às questões de raça, classe social e preconceitos regionais. A representação linguística na obra cinematográfica não apenas reflete, mas também contesta e desafia as normas e estereótipos dominantes, lançando luz sobre as injustiças e desigualdades presentes na sociedade brasileira. Ao explorar esses tensionamentos, nossa pesquisa oferece uma perspectiva crítica sobre as representações cinematográficas, destacando não apenas as fissuras

ideológicas no filme, mas também proporcionando uma análise mais profunda das relações de poder e das hierarquias sociais que moldam as narrativas culturais no Brasil contemporâneo.

2 IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM: TECENDO DEFINIÇÕES AO TERMO

2.1 Definições sobre ideologias de linguagem

Ao centrarmos nosso olhar para os estudos sobre as ideologias de linguagem, compreendemos que se trata de pesquisas que possuem diferentes perspectivas analíticas e interpretativas. Discutir a respeito das ideologias que permeiam a linguagem é observar como os sujeitos de determinados grupos culturais a percebe, principalmente, a partir de uma coletividade social, em contextos específicos, e como estes indivíduos atribuem significados a ela.

Torna-se evidente que, quando se fala sobre ideologias da linguagem, entra-se em uma concepção de que elas se caracterizam-se, especialmente, por se referir-se às crenças, valores, normas e atitudes que fazem parte da maneira que uma sociedade, grupo e/ou indivíduo se comunica e atribui sentido a linguagem. Com isso, averiguamos que,

as ideologias não são nem verdadeiras nem falsas. Não são consideradas “falsa consciência”, ou “assujeitamento” ou “consciência da classe dominante”, mas sim posicionamentos e visões parciais de mundo. Parciais porque levam em conta a visão de uma pessoa ou de um grupo social e isso acarreta a incompletude, uma vez que uma outra pessoa ou grupo pode ter outra visão (Inhoti *apud* Gal e Irvine, 2022,p.81).

Como está posto no excerto as ideologias não possuem nem veracidade, nem falsidade, o significa dizer que são posicionamentos e visões parciais de mundo, ressaltando, assim, a complexidade inerente à sua natureza. Essas visões parciais refletem as perspectivas de indivíduos ou grupos sociais específicos, que podem estar enraizadas em suas experiências, valores e interesses particulares. Ainda, ao reconhecer que as ideologias de linguagem são incompletas e variáveis, torna-se evidente que diferentes pessoas ou grupos podem ter interpretações divergentes da mesma linguagem, com base em suas posições sociais, culturais e políticas. Essa diversidade de perspectivas pode levar a conflitos e contestações sobre o significado e o uso da linguagem, especialmente, em contextos em que há desigualdades de poder.

Portanto, ao examinar as ideologias de linguagem, é fundamental considerar não apenas as visões parciais e posicionamentos individuais, mas também as dinâmicas de poder que moldam e influenciam sua formação e manifestação na sociedade. Essa compreensão mais ampla é crucial para uma análise crítica da linguagem e para promover uma comunicação mais inclusiva e igualitária. Sendo assim, passamos a entender a importância de se “compreender ideologias de linguagem” (Lopes, 2013, p.22) visto que “é uma forma de politizar o ensino, as crenças e imaginações sobre a língua” (Lopes, 2013, p.22). Dessa maneira, em conformidade com o que compilado por Lopes (2013), destacamos a necessidade de reconhecer e analisar as dimensões políticas presentes na linguagem e no seu ensino.

Ao politizar o ensino da língua, os educadores podem auxiliar os alunos a desenvolverem uma consciência crítica sobre como a linguagem é utilizada para perpetuar relações de poder e reproduzir ideologias dominantes. Nesse sentido, inferimos que

A linguagem tem papel essencial no funcionamento das hierarquias, pois ela reflete, (se) constitui com valorações e legitima ou deslegitima formas linguísticas que intimamente relacionam-se com a hierarquização das pessoas, com as categorizações raciais e, conseqüentemente, com a desigualdade econômica a partir do colonialismo (Quijano, 2005, p. 35).

Conforme o que é explicitado no fragmento, ao explorarmos as ideologias de linguagem, é essencial destacar a hierarquização que ocorre em relação aos povos, línguas, saberes e poder, e como isso molda as construções ideológicas sobre a linguagem. As ideologias linguísticas são configuradas por grupos sociais, como exemplificado na região Nordeste do Brasil, onde discursos midiáticos, artísticos e outros refletem ideologias de linguagem que muitas vezes nos situam de forma marginalizada em comparação com as ideologias predominantes nos grandes centros do país. Essa disparidade evidencia a interseção das ideologias linguísticas com categorias sociais como gênero, sexualidade, posição social, classe e raça, entre outras. Essas categorias emergem em contextos situados, influenciando profundamente as percepções e práticas linguísticas, refletindo dinâmicas complexas de poder e identidade.

Nesse sentido, entendemos, baseados em Albuquerque Júnior (2011), que a construção discursiva do Sul/Sudeste como regiões desenvolvidas, urbanizadas e industrializadas torna-se mais bem vistas e aceitas; enquanto a construção discursiva do Nordeste como uma região de periferia, atrasos e tradições é tomada pela a colonialidade do poder que assemelha esta diferenciação entre as regiões e impacta no âmbito das ideologias de linguagens.

Nesse sentido, notamos que é relevante compreendermos, por meio dos recursos linguísticos e semióticos, segundo Gal e Irvine (2019), como essas ideologias linguísticas se fazem presentes nos mais variados contextos sociais, especialmente, em comunidades menos desenvolvidas.

Cabe, diante disso, pensarmos que, se a discriminação linguística toma o lugar do processo de racialização é porque “língua” e “raça” foram construídas no projeto moderno/colonial e sua conexão foi obscurecida pela sombra das “luzes” que “purificaram” sua constituição, de acordo com Pinto (2018, p. 711). Ainda conforme a autora, a discriminação linguística está presente desde a descoberta do Brasil, quando os portugueses trouxeram sua língua nativa para o território brasileiro e, com violência física e simbólica, impuseram os seus saberes e línguas em detrimento ao apagamento dos saberes e línguas dos povos originários que aqui residiam.

Daremos sequência as definições de ideologias de linguagem nos embasando na teoria de Kroskrity (2004), temos cinco níveis de organização das ideologias linguísticas. O primeiro é acerca dos interesses do grupo ou individuais: ideologias linguísticas representam a percepção da língua e discurso que é construído a partir de interesses de um grupo específico, seja cultural seja social; o segundo nível trata de sua multiplicidade, isto

por causa de sua pluralidade de divisões sociais significantes (classe, gênero, clã, elites, gerações, assim por diante) dentro de grupos socioculturais que têm o potencial de produzir divergentes perspectivas expressadas como índices de adesão ao grupo (Kroskrity, 2004, p.503).

Entendemos essa ideologia como algo que seja divergente, um elemento que divide opiniões e causam assim desentendimentos de ideias, devido ser grupos distintos que não foram alicerçados na mesma ideologia linguística. Essa diversidade

que existe entre os grupos pode ser vista como algo que causa confronto e desentendimentos entre eles; de acordo com Kroskrity (2004) a consciência das ideologias linguísticas representa um terceiro nível de desenvolvimento, onde os falantes adquirem uma percepção das ideologias linguísticas em diferentes graus. A exposição e discussão dessas ideologias em vários contextos influenciam a criticidade dos usuários. A conscientização e habilidade de discutir ideologias linguísticas contribuem para o desenvolvimento de indivíduos com postura crítica e capacidade de articular seus próprios pensamentos.

O quinto e último nível se refere ao papel das ideologias linguísticas na criação e na representação de várias identidades sociais e culturais. Kroskrity (2004), no mesmo caminho que Silverstein (1979) e Woolard e Schieffelin (1994), conclui reafirmando a importância da “influência da consciência do falante seja em sistemas linguísticos ou sociais, o papel constitutivo da linguagem na vida social, e os múltiplos caminhos pelos quais a ideologia da linguagem e do discurso constroem identidade” (Kroskrity, 2004, p. 512). Isso implica que a consciência do falante sobre as ideologias linguísticas pode afetar não apenas a maneira como a linguagem é utilizada e percebida, mas também as interações sociais e a construção de identidades individuais e coletivas.

Destarte, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta poderosa na formação de identidades e na negociação de relações de poder. Portanto, a consciência das ideologias linguísticas e discursivas é essencial para entender os múltiplos caminhos pelos quais a linguagem e o discurso contribuem para a construção de identidade, tanto a nível individual quanto social. Essa compreensão é fundamental para uma análise abrangente das dinâmicas sociais e culturais em que a linguagem está inserida.

Desse modo, iremos apresentar algumas conexões entre ideologias linguísticas e o racismo que, de certa forma, estão interligadas no contexto social e são marcados pela cor da pele, raça, costumes, fala, pensamento, linguagem e línguas e que se constituem como uma representação de corpos falantes do mundo contemporâneo. Sendo assim, abordaremos três conceitos de ideologia da linguagem:

- 1) A ideologia da homogeneidade variável – uma regulamentação da fala – cuja conexão com hierarquias raciais é rarefeita hoje pelas categorias “classe” e “região”. 2) A ideologia da clareza – uma regulamentação dos gêneros discursivos – cuja conexão com hierarquias raciais é rarefeita pelas categorias “razão” e “argumentação”. 3) A ideologia da competência – uma regulamentação da legitimidade dos saberes e corpos – cuja conexão com hierarquias raciais é rarefeita pelas categorias “educação” e “cultura” (Pinto, 2013, p.704)

Nesse contexto, é evidente que a ideologia da homogeneidade, clareza e competência linguística está intrinsecamente ligada a hierarquias raciais que se manifestam tanto no contexto social quanto nas características físicas e sociais dos indivíduos. Portanto, ao discutirmos o racismo e as ideologias linguísticas, podemos perceber paralelos com as relações cotidianas que tendem a separar os indivíduos com base em seu status social.

Ao destacarmos as pesquisas sobre as ideologias de linguagem e a hierarquização racial, torna-se evidente que esses fenômenos persistem ao longo dos anos até os dias atuais. Isso ressalta a importância de compreender a realidade social do Brasil e os diversos aspectos que a permeiam. Observa-se que a forma como as pessoas se socializam, pode ser um reflexo dessa realidade, onde, em alguns casos, indivíduos enfrentam preconceito racial e experimentam exclusão por parte da sociedade. Diante disso,

Se a discriminação linguística toma o lugar do processo de racialização é porque “língua” e “raça” foram construídas no mesmo gesto moderno/colonial e sua conexão foi obscurecida pela sombra das “luzes” que “purificaram” sua constituição. De que maneira, então, persistiram essas ideias no Brasil? Na ideia da homogeneidade variável, estamos lidando com o estabelecimento da dicotomia culto-popular. A forma como narramos essa dicotomia já foi bastante estudada. A narrativa inclui a “variedade culta” como falada por pessoas “de prestígio”. (Pinto, 2013, p.711)

De acordo com Pinto (2013), enfatizamos a importância de conduzir estudos sobre discriminação linguística, que também estão intrinsecamente ligados à discriminação racial. É crucial abordar a língua culta como o padrão linguístico de uma sociedade, pois isso confere visibilidade às pessoas de uma determinada classe social considerada “prestigiada”. Esse fenômeno influenciava a linguagem utilizada por aqueles que não possuíam autonomia para se expressar no contexto social da época,

e está relacionado à questão racial, evidenciando aspectos que remontam desde o período colonial até os dias atuais.

Considerando os estudos realizados por Albuquerque Júnior (2011) e os estudos de Pinto (2013), destacamos a persistência e a relevância dos conceitos de língua culta e da dicotomia com o popular ao longo do tempo. Esses conceitos estão enraizados nas estruturas sociais e históricas e continuam a influenciar a maneira como a linguagem é percebida e valorizada na sociedade contemporânea. A noção de língua culta como um padrão de prestígio ainda perpetua desigualdades linguísticas e sociais, marginalizando aqueles cujas formas de fala não se encaixam nesse padrão.

Nesse sentido, examinaremos o filme *Bacurau* (2020) e seu contexto na produção cinematográfica, buscando investigar se as ideologias de linguagem presentes no filme estão conectadas às categorias sociais de raça e classe social. As análises irão se desenvolver por meio do sotaque das personagens, frequentemente estereotipado e alvo de discriminação, assim como na representação do espaço geográfico e na tendência ao apagamento de sua diversidade.

2.2 Colonialidade do poder

Ao abordarmos a colonialidade do poder é necessário entender que a colonização da América e o capitalismo colonial/moderno são fundamentais para a sua constituição. Em outras palavras, foi por meio de várias transformações de globalização, que o eurocentrismo como forma de poder e saber central e mundial deu origem às relações da colonialidade do poder. Para compreendermos de maneira mais significativa esse assunto, evidenciamos que o padrão de poder não é somente econômico, mas também se refere à supremacia da raça branca e, também, à classificação social da população do mundo, dentre outras formas de hierarquização de corpos.

Para entendermos o conceito de “raça”, observamos que, na colonização europeia a exploração de corpos, como indígenas e negros, instituiu-os como corpos

“menos” humanos, destituídos de saberes, poderes, identidades. Desta forma, o conceito de raça é agenciado pela colonialidade do poder. Diante disso, entendemos

A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: *índios*, *negros* e *mestiços*, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população (Quijano, 2005, p. 2).

Nesse sentido, compreendemos que a raça é uma característica que distingue as relações de poder de uma determinada sociedade e que se diferencia também pela cor. Assim sendo, os colonizadores foram classificados como os brancos e os colonizados como os negros e mestiços. Os colonizados eram subjugados e categorizados com base em diversos critérios, incluindo níveis sociais, locais e papéis dentro da estrutura de poder da sociedade. Essa classificação contribuía para uma visão universalmente hierarquizada do mundo, destacando as dinâmicas de poder subjacentes.

A colonialidade do poder constitui-se através dessa distinção entre as raças, que conseqüentemente diferenciou dentro da sociedade, as pessoas que exerciam determinado poder sobre os indivíduos que seguiam as ordens da classe social dominante. Assim, foram surgindo novas identidades sociais que passaram a estar relacionados a raça/trabalho, conseqüentemente, voltados para as classes dos dominados. Esses viviam sob ordens dos dominadores que, exerciam um papel ligado à ideia de exploração do capitalismo colonial e dependiam do trabalho de indivíduos de classe inferior no contexto social.

Portanto, a colonialidade e o eurocentrismo no capitalismo mundial estar voltado para a exportação de ouro, da prata e de outras mercadorias produzidas por meio do trabalho escravizado dos colonizados, em sua maioria os indígenas e negros. A escravização dos corpos fez com que os colonizadores tivessem domínio sobre o

comércio mundial. Com isso, notamos o quanto o trabalho desse grupo tem sido fundamental para a origem do capitalismo mundial.

Ao realizarmos os estudos sobre a colonialidade do poder, enfatizamos a teoria de Quijano (2005). A partir do entendimento sobre a colonialidade, compreendemos que ela está relacionada ao conhecimento, à economia, à cultura, à política e nas relações de gênero e raça. Desse modo:

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo (Quijano, 2005, p. 126).

Nesse sentido, entendemos que a colonialidade é baseada em uma hierarquia global, posicionando a cultura e as pessoas, principalmente do Sul Global, como inferiores. Portanto, existe uma relação entre colonialidade e modernidade, imposta pelo eurocentrismo, ao valorizar uma cultura e a sociedade europeia como se fosse superior às outras.

Sendo assim, a colonialidade do poder enfatiza o controle político e econômico de uma sociedade, que é fundamental para entender como funciona a estrutura de um sistema social do mundo moderno como menciona Quijano (2005, p. 127):

Como no caso das relações entre capital e pré-capital, uma linha similar de ideias foi elaborada acerca das relações entre Europa e não-Europa. Como já foi apontado, o mito fundacional da versão eurocêntrica da modernidade é a ideia do estado de natureza como ponto de partida do curso civilizatório cuja culminação é a civilização europeia ou ocidental. Desse mito se origina a especificamente eurocêntrica perspectiva evolucionista, de movimento e de mudança unilinear e unidirecional da história humana. Tal mito foi associado com a classificação racial da população do mundo. Essa associação produziu uma visão na qual se amalgamam, paradoxalmente, evolucionismo e dualismo. Essa visão só adquire sentido como expressão do exacerbado etnocentrismo da recém-constituída Europa, por seu lugar central e dominante no capitalismo mundial colonial/moderno, da vigência nova das ideias mitificadas de humanidade e de progresso, inseparáveis produtos da Ilustração, e da vigência da ideia de raça como critério básico de classificação social universal da população do mundo.

Percebemos, pois, conforme o excerto, que as diferenciações ideológicas entre as regiões Sudeste e Nordeste foram historicamente e socialmente construídas, com

base nas ideologias de linguagem que estão intrinsecamente ligadas à colonialidade do poder. Isso significa que as distinções linguísticas e culturais entre essas regiões não são meramente resultado de diferenças geográficas, mas sim produtos de processos históricos de dominação e hierarquização impostos pelo colonialismo. A região Sudeste, historicamente considerada o centro econômico e político do país, foi privilegiada e valorizada em detrimento do Nordeste, perpetuando assim desigualdades sociais e econômicas. Essas ideologias de linguagem, muitas vezes vinculadas a estereótipos e preconceitos, são utilizadas para justificar e manter essas disparidades, reforçando uma visão hierarquizada da sociedade. Portanto, a compreensão da relação entre as ideologias de linguagem e a colonialidade do poder é fundamental para desvelar as estruturas de opressão e desigualdade presentes na sociedade brasileira.

A partir disso, entramos na discussão que envolve modernidade e colonialidade. Para tanto, temos como sustentação teórica autores renomados, como Quijano (2005) e Mignolo (2008), os quais discutem a relação entre o projeto moderno europeu e a expansão colonial, destacando a persistência da colonialidade do poder como uma estrutura profunda que influencia as relações sociais, culturais e políticas até hoje. Ao examinarmos as ideologias de linguagem em relação à modernidade e colonialidade, essas contribuições fornecem uma compreensão mais ampla das dinâmicas de poder e resistência na sociedade contemporânea.

Foi aí que, nestes termos, compreendi que a construção discursiva do Sul/Sudeste como regiões desenvolvidas, urbanizadas e industrializadas e o Nordeste como uma região de periferia, atrasos e tradições (ALBUQUERQUER JÚNIOR, 2011) intimamente liga-se com uma política de branqueamento da população. Os efeitos da colonialidade do poder (MIGNOLO, 2008) imperam no eixo de diferenciação entre as regiões, entre as pessoas, na hierarquização das raças. E a linguagem, no seu papel central na hierarquização, classifica e posiciona os sujeitos racializados como inferiores, menos humanos, sub-humanos (Inhoti, 2022, p.87).

A colonialidade do poder implica fortemente a desvalorização dos povos nordestinos e conseqüentemente o apagamento de pessoas negras e de raça indígenas que deram sustentação aos primeiros povos de terras nordestinas. A política de branqueamento da população está ligada a esta falta de valorização que a região em questão sofre. A população nordestina enfrenta preconceitos quando

comparada à população sulista, que vão desde questões de raça até diferenças no modo de falar. O sotaque considerado mais “sofisticado” é frequentemente associado aos brancos do Sul, enquanto o sotaque nordestino é muitas vezes estigmatizado como “errado”, caracterizado por uma pronúncia mais arrastada e uma valorização dos sons das vogais. Além disso, impor a linguagem sudestina ou midiática como a mais bonita ou mais correta também não deixa de ser uma tentativa de colonização do outro. Durante séculos o que a gente chama de “síndrome de vira-latas” imperou na nossa cultura, de forma macro e micro.

Nos estudos sobre a percepção de inferioridade associada aos nordestinos em comparação com os sulistas, Inhoti (2022) apresenta um relato pessoal de sua experiência na época que morava no Sul do país. Apesar de possuir todas as características físicas dos sulistas, Inhoti relata um pensamento contraditório em relação às ideologias de linguagem predominantes na região. A autora analisa uma conversa informal que teve com um senhor nordestino durante uma visita à sua residência, destacando possíveis discrepâncias entre as percepções linguísticas e as realidades vivenciadas pelos indivíduos de diferentes regiões do Brasil: “Retomo, aqui, a conversa informal do senhor ao chegar em minha casa (...), especialmente esta parte: “tu não é daqui não, né?”/ “Lá em São Paulo todo mundo fala certo, aqui não... aqui os formados falam errado” (Inhoti, 2022,p.70). Percebemos que a partir desta conversa com um senhor nordestino, a professora se encontra em um lugar privilegiado por sua raça branca, e o seu sotaque. Esses dois aspectos já foi o bastante para que o senhor que era nordestino e negro, segundo Inhoti (2022), pudesse se comparar, minimizar, e, conseqüentemente, atribuir valorização ao terreno da linguagem que “lá em São Paulo todos falam certo, aqui não, até os formados falam errado”.

Portanto, neste caso nos deparamos com um eixo de superioridade geográfica, o qual foi construído ideologicamente, em que a região Sul é detentora do saber e do poder. Ressaltamos que os aspectos que permeiam o saber e o poder pode está relacionada ao legado histórico e vestígios do colonialismo que moldaram as percepções do país por muito tempo, dando origem às ideologias que permeiam a linguagem.

3 NORDESTE: ESPAÇO DE SABER E PODER

3.1 Sertão nordestino

O Nordeste é o cenário principal do filme *Bacurau*. Antes de analisarmos os dados do filme, é importante explorarmos um pouco sobre essa região nordestina. Muitas vezes, quando se menciona o sertão nordestino, depara-se com discursos impregnados por estereótipos que retratam a região como um lugar marcado por secas incessantes, fome e miséria. No entanto, no decorrer deste capítulo, discutiremos sobre o sertão nordestino, almejando romper com essas generalizações que permeiam o Nordeste e seu povo. Sendo assim, o primeiro posicionamento que apontamos é de Feitosa (2015, p. 77):

Atualmente, no Brasil, a palavra sertão não possui um único significado, pois não remete somente ao semiárido nordestino, tampouco se refere apenas ao distante interior de um continente, havendo por trás destes termos diferentes acepções que ultrapassam o mero valor geográfico.

Conforme Feitosa (2015), atualmente, o termo “sertão” abarca uma gama variada de significados que vão além da concepção tradicional associada a áreas do interior, caracterizadas por atividades rurais predominantes e baixos índices de renda. Sua abrangência transcende a mera delimitação geográfica de um país específico.

Por outro lado, ao analisarmos outras obras literárias brasileiras, como as de Filho (2011), é possível constatar que o significado da palavra “sertão” permanece estável e arraigado à sua definição original, que se refere ao interior de um território específico. Nesses textos, o sertão continua sendo retratado como uma região marcada pela aridez do clima, pela vida rural e por uma economia muitas vezes baseada na agricultura de subsistência. Assim, mesmo diante das transformações sociais e culturais, o significado essencial da palavra “sertão” permanece enraizado na identidade geográfica e cultural do Brasil, mantendo sua relevância e sua riqueza de interpretações.

Podemos citar outro teórico brasileiro, Antônio de Moraes Silva (2008); ficou conhecido no século XVIII por ampliar o trabalho do padre Bluteau, o qual havia

registrado um dicionário pouco antes desse período. Por esse viés, Silva (2008) também registrou o significado da palavra sertão:

Sertão, s.m. O interior, o coração das terras oppõe-se ao marítimo, e costa; v.g. Cidade do sertão; mercadores do sertão. Castan 2 . f 152. B, l. 3. 8. “ rio tem seu nascimento no sertão da terra” . § fig. Bem pelo sertão dentro de hum pensamento. Cam. Filod. 2. 2. §. O sertão toma-se por mato longe da costa. §. O sertão da calma. i. é, o lugar onde ella he mais ardente. Lobo. “mettendo-se pelo sertão da calma, que naquelle tempo fazia.” 9 (Feitosa, 2015, p. 78).

A palavra “sertão”, comumente associada a um local sereno, distante do litoral, onde predominam a vegetação, a agricultura, as tradições e as crenças, contrasta com a realidade apresentada no filme *Bacurau*. Na obra, somos confrontados com uma perspectiva diferente da região, que foi e ainda é afetada pela influência das ideologias provenientes do sul do país. Desde tempos remotos, os habitantes locais enfrentam ataques e explorações, tanto por parte das autoridades governamentais, que muitas vezes perturbam a tranquilidade dessas áreas, quanto pelos resquícios da colonialidade do poder, que se manifestam através da exploração do trabalho escravo contemporâneo. Os nordestinos são forçados a se tornarem reféns desse sistema opressivo, que perpetua desigualdades e injustiças históricas, subjugando suas comunidades e comprometendo sua autonomia e dignidade.

Mesmo sendo alvo de estereótipos, o Nordeste é um dos principais pontos turísticos do Brasil. Diante disso

Há vários Nordeste. Pouco tempo atrás dizia-se que tínhamos: um Nordeste (litorâneo, da exuberante mata atlântica) que se movimenta a partir da cana-de-açúcar, e outro Nordeste (do sertão, castigado pelas secas) que se relaciona com o algodão e o gado. Hoje, entretanto, vemos um Nordeste multifacetado, que evoca uma série de imagens, tanto das suas características geográficas, quanto culturais, sociais e econômicas (Aragão, 2020, p. 89).

O Nordeste Possui praias paradisíacas, é o berço do turismo do país, além de praias, possui também a área do sertão que é composto por lindas serras, vegetação verde em alguns meses do ano também nos deparamos com lagoas e piscinas naturais, cristalinas que são criadas em decorrência das chuvas, no período do inverno no topo das montanhas. Além é claro do povo Nordestino que habita a região,

povo esse de muita fé, coragem e determinação, falar do Nordeste é falar sobre coragem, resistência e luta. A região também possui uma vasta cultura ecológica que alguns ainda tentam manter viva, culturas indígenas, costumes esses que fazem parte também do sertão nordestino, de acordo também com Aragão (2020).

Entretanto, a imagem da região do nordeste brasileiro ainda é muito difundida pela sociedade, muitas ideologias de linguagem foram criadas a respeito desta região como já vimos no decorrer deste trabalho. Nesse sentido,

Quando se fala no Nordeste ou no sertão, inevitavelmente uma série de imagens a eles são associadas, como elementos constitutivos de sua identificação, vislumbrando-se praias, calor, lugares semidesérticos, seca, miserabilidade, analfabetismo, messianismo, fanatismo, coronelismo, cangaço, vaqueiros, sotaques carregados, forró, xote, carne de sol, buchada de bode, baião de dois etc. (Feitosa, 2015, p. 50).

De acordo com o fragmento, ilustra como o Nordeste e o sertão são frequentemente representados por uma série de imagens e elementos que compõem sua identidade cultural. Essas imagens incluem tanto aspectos geográficos, como praias e clima quente, quanto características socioeconômicas, como a seca, a pobreza e o analfabetismo. Além disso, são mencionados elementos culturais e históricos que contribuem para a construção da identidade nordestina, como o messianismo, o fanatismo religioso, o coronelismo e o cangaço. Esses elementos refletem tanto aspectos positivos quanto negativos da cultura e da história da região, marcada por lutas sociais, tradições culturais ricas e desafios socioeconômicos. Ao mesmo tempo, a citação destaca aspectos da culinária, da música e dos costumes locais, como o forró, o xote, a carne de sol e a buchada de bode, que contribuem para a diversidade e a riqueza cultural do Nordeste. Dessa forma, ressaltamos a complexidade e a diversidade da região nordestina, mostrando como sua identidade é construída a partir de uma multiplicidade de elementos históricos, geográficos, sociais e culturais.

Ainda conforme Feitosa (2015, p.52) “o Nordeste surgiu da parte Norte sujeita às estiagens, preponderantemente no interior e, como resquício disso, nota-se que até o início da década de 1920 os dois termos ainda eram utilizados como sinônimos”. A evolução do conceito de “Nordeste” no Brasil inicialmente vinculava a região norte do país a essa designação. Com o tempo, transformações como desenvolvimento da

infraestrutura e diversificação cultural levaram à distinção mais clara entre as regiões Norte e Nordeste. Isso destaca a complexidade da formação das identidades regionais no Brasil, influenciadas por contextos históricos, geográficos e culturais.

Mais adiante, surge o pensamento teórico de Albuquerque Júnior (2011). Para ele, o Nordeste só passou a existir, discursivamente, depois do ano de 1920, foi a partir deste ano reconhecido como região do Brasil. A cultura nordestina teve grande destaque comparada a outras regiões, sobretudo, por possuir a maior festa junina do país, a famosa capoeira muito conhecida até hoje, a qual também teve início na região Nordeste, pois a região era berço de abrigo de muitos povos afrodescentes, por isso uma cultura bastante rica e miscigenada.

Assim sendo, o Nordeste se destaca de igual modo pela sua culinária, o frevo que é marca registrada do carnaval Brasileiro, que teve origem na região, além dos artesanatos, religiões e uma enorme leque de produtores como cancionistas, emboladores de coco, poetas populares, literários e muitos outros.

3.2 O cangaço no Nordeste

O cangaço no Nordeste teve o seu grande início no comecinho dos anos de 1900 em que grupos de pessoas da própria região se juntavam para fazer roubos, assassinatos, sequestros, estupros e várias outras atrocidades, como bem situa Domingues (2017, p. 4),

Entre 1900 e 1940, aproximadamente, deu-se o auge do cangaço na região Nordeste do Brasil, um fenômeno associado aos bandoleiros que, armados, atuavam nos limites do sertão e do agreste, cruzando fronteiras de vários estados e cidades, agindo, no início, com o “argumento de vingança, de preferência interfamiliar (ou ingressando nos bandos como ‘refúgio’, para proteger-se da perseguição da polícia ou de outros inimigos), para em seguida utilizar essa modalidade de banditismo rural como forma de sobrevivência, ou seja, para obter ganhos materiais por meio de roubos, saques e extorsões.

Conforme foi teorizado acima, percebemos a complexidade do fenômeno do cangaço e suas motivações multifacetadas ao longo do período entre 1900 e 1940. Observamos que, inicialmente, o cangaço estava frequentemente ligado a questões de vingança e proteção. Muitos dos indivíduos que se tornavam cangaceiros

ingressavam nos bandos como uma forma de proteção contra perseguições, especialmente da polícia ou de outros inimigos. As disputas interfamiliares também desempenhavam um papel significativo nesse contexto, fornecendo uma justificativa inicial para a adesão ao cangaço.

Entretanto, à medida que o fenômeno evoluía, o cangaço tornou-se não apenas uma questão de vingança ou proteção, mas também uma estratégia de sobrevivência. As condições socioeconômicas precárias do sertão e do agreste nordestino, caracterizadas pela seca, pobreza e falta de oportunidades, levaram muitos indivíduos a recorrerem ao banditismo rural como uma forma desesperada de garantir sua subsistência. Os cangaceiros buscavam obter ganhos materiais por meio de roubos, saques e extorsões, muitas vezes atacando grandes proprietários de terras, comerciantes ou mesmo pessoas comuns que cruzavam seu caminho.

Portanto, averiguamos que o cangaço foi uma resposta multifacetada a uma série de desafios enfrentados pela população do Nordeste brasileiro na época, incluindo questões sociais, econômicas e políticas. Embora suas origens possam ter sido inicialmente ligadas a questões de vingança e proteção, o cangaço acabou se transformando em uma forma de resistência e adaptação às condições adversas da região, refletindo as complexidades e as contradições da sociedade brasileira da época.

Em si, tratando desses acontecimentos, a população Nordestina ficou bastante assustada pelos rumores que os cangaceiros estavam pela região. A presença do grupo era motivo de muito medo e pânico, muita angústia e euforia para que pudesse se proteger o mais rápido possível. A cidade, que era então alvo do bando, parava todo o seu funcionamento. Comércio, festejos cancelados e até corpos de defuntos eram abandonados em meio ao tempo, toda a população se resguardava até que o bando fosse embora da cidade alvo, enquanto o poder público remediava a situação com pequenas medidas preventivas de segurança.

Outrossim, quando se fala em cangaço, torna-se crucial a discussão sobre:

O aparecimento do cangaço está relacionado ao sistema político, jurídico, econômico e social do Nordeste brasileiro; à decadência e reveses da cadeia produtiva ligada à agricultura e pecuária, à vida de penúria da população sertaneja, às penosas secas, à ausência do poder público, às injustiças

advindas dos “coronéis” e seus jagunços, às rivalidades e brigas fratricidas entre clãs familiares, aos abusos e truculência da polícia, aos códigos de honra, vingança e violência do sertão, à fragilidade das instituições responsáveis pela lei, ordem e justiça, à falta de perspectivas e esperanças de dias melhores (Domingues, 2017, p. 4).

Sendo assim entendemos o cangaço como uma série de fatores antecedentes, os quais foram fortemente influenciados pelo desfecho deste movimento. Como o próprio Domingues (2017) menciona, o surgimento do cangaço está ligado à falta de assistência do poder público com a população nordestina. O Nordeste foi, e de certa forma, ainda continua sendo uma região pouco notada pelo resto do Brasil, em especial a região Sul/sudeste, pois enxergam o Nordeste como uma região com pouca capacidade de crescimento e assim acaba caindo no esquecimento aos olhos dos governantes.

Para mais, de acordo com Albuquerque Júnior (2011, p.150) “foi aí que, nestes termos, compreendi que a construção discursiva do Sul/Sudeste como regiões desenvolvidas, urbanizadas e industrializadas e o Nordeste como uma região de periferia, atrasos e tradições”. Ao retratar o Sul/Sudeste como desenvolvido e o Nordeste como periférico, cria-se uma narrativa de superioridade e inferioridade que perpetua disparidades socioeconômicas e influencia políticas públicas. Isso obscurece as diversas realidades do Nordeste e reforça estereótipos prejudiciais, exigindo uma desconstrução desses discursos para promover uma visão mais equitativa do país.

Nesse íterim, afirmamos que na região prevalecia aos bons olhos os coronéis donos de fazendas, que tinham boas condições financeiras para viver uma vida de autoridade e com decorrência desprezando a boa parte da população carente. Com essa falta de oportunidade de dias melhores, homens comuns revoltados com a falta de valorização do poder público e também com coronéis que comandavam a região, deu-se início a era do cangaço.

Um dos nomes mais conhecidos do cangaço nordestino é o de Virgulino Ferreira da Silva, considerado o rei do cangaço. Em meados de 1916, surge Lampião como o ladrão dos interiores, junto com o seu bando, praticava várias maldades, roubava, sequestrava, estuprava, decepava, muitas vezes faziam as presas de refém, para que em trocas familiares lhes dessem dinheiro para o soltarem a vítima.

Lampião era uma espécie de “bandido-guerrilheiro”⁶ da caatinga, que ludibriou e venceu forças policiais tantas vezes e de forma tão engenhosa, que o povo do sertão chegou a acreditar que fosse dotado de poderes miraculosos. Lampião se tornou objeto de temor e de respeito de uma vasta região. Inserido numa complexa rede de fornecedores, protetores e informantes, negociava com fazendeiros, autoridades públicas e chefes políticos locais (Domingues, 2017, p. 5).

O líder do cangaço não temia nada, sedento por justiça. Ninguém conseguia detê-lo, mesmo se tratando de um homem sem estudo, possuía estratégias e era dotado do conhecimento humano. Por ser dessa maneira, Lampião onde estava presente era temido e respeitado. Segundo Domingues seus jagunços, Lampião ia juntando ao decorrer das cidades por onde passava, muitos entravam para o bando com o intuito de se vingar de intrigas familiares ou por acerto pessoal; outros, sem nenhum motivo existente. Lampião passou a ser um dos homens mais admirado e respeitado na região, alguns dos seus jagunços entraram para a vida do cangaço para estar perto de Virgulino e pertencer a sua equipe, que na época era tão respeitada.

Nesse período do cangaço, ou os jovens se alistavam na polícia ou não tinham outra opção a não ser trabalhar com os afazeres rurais em fazendas pela região, como criar gado, trabalhar com plantio de capim, e, principalmente com enxada na mão, esta era artifício indispensável para os serviços que foram atribuídos para quem escolhesse trabalhar com a agricultura. Não tendo outras oportunidades, alguns jovens, simplesmente, preferiam se aliar ao bando de Lampião e tentar uma vida mais fácil através da criminalidade, que no referido tempo se chamava cangaço.

Destarte, observamos que o cangaço passou a ser um negócio na região nordeste, um emprego em que os candidatos teriam de apresentar em seu currículo de vida maldade, perversidade e práticas atroztes. Os rapazes da época se sentiam atraídos pelo fato de viver livre em meio as estradas da região, praticando furtos e podendo usufruir do dinheiro que era saqueados das vítimas, vida essa, bem mais atraente do que o trabalho exaustivo e pesado que a agricultura oferecia.

4 *BACURAU*: UMA ANÁLISE DAS IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM

Neste capítulo, iremos explorar uma análise detalhada do filme nordestino *Bacurau* (2020), focalizando nas complexidades das ideologias linguísticas que emergem ao longo da narrativa. Nosso propósito central é investigar os conflitos ideológicos relacionados à linguagem na produção cinematográfica de *Bacurau*. Para alcançar este objetivo, delineamos alguns pontos específicos: primeiramente, identificamos as diversas ideologias de linguagem que são confrontadas e tensionadas ao longo do enredo. Em seguida, examinamos se essas ideologias linguísticas se entrelaçam com as categorias sociais de raça e classe social, fornecendo, assim, uma compreensão mais ampla das dinâmicas presentes no filme. Por fim, nossa intenção é compreender como essas ideologias de linguagem são habilmente construídas ao longo da narrativa de *Bacurau*, refletindo e influenciando os desdobramentos da trama.

Durante a análise, faremos associações entre as ideologias de linguagem evidenciadas no filme e as teorias previamente discutidas. Para isso, examinaremos cuidadosamente tanto as imagens quanto os diálogos dos personagens, buscando identificar nuances e sutilezas que revelem as ideologias linguísticas em jogo. Em última análise, nossa meta é não apenas identificar as ideologias de linguagem presentes, mas também compreender como elas contribuem para a complexa tessitura da obra fílmica de *Bacurau*, destacando especialmente a presença da colonialidade do poder que permeia as interações linguísticas ao longo do filme.

4.1 *Bacurau*: ideologias de linguagem em tensionamento no filme

A obra cinematográfica *Bacurau* (2020), apresenta um enredo com personagens que muito representam o sertão nordestino, desde a cultura até a forma que se comunicam entre si. Perceberemos mais adiante que através da conversação dos sujeitos que fazem parte das cenas do filme, podemos analisar a respeito das ideologias que permeiam a linguagem dos diálogos presente na fala das personagens.

Diante disso, quando falamos a respeito de personagens, especificamente, esses que irão contribuir para com nossas análises, é preciso situar os leitores de

quem são eles, bem como a funcionalidade destes dentro do filme. Sendo assim, destacamos aqueles principais: Domingas, Tereza, Carmelita, Acácio, Lunga e Plínio. Domingas, é a única personagem médica da cidade, pela sua profissão já se percebe que se trata de alguém respeitada e bem-vista socialmente; Tereza, esta havia deixado a pouco tempo Bacurau, almejando uma vida melhor fora da cidade, no entanto, precisou retomar ao nordeste para o enterro da vó Carmelita; esta, uma figura venerada na comunidade, detinha o título de mulher mais idosa do povoado e era amplamente respeitada pelos habitantes locais. Ela foi mãe de vários filhos, alguns dos quais buscaram oportunidades de melhoria de vida nas capitais do Brasil. Essa decisão foi motivada pela ausência de recursos educacionais adequados no interior, o que dificultava o progresso educacional e profissional de seus filhos.

Também figuram na trama personagens notáveis, como Acácio, conhecido pelo apelido “Pacote”, uma figura de grande estima entre os habitantes locais. Lunga, por sua vez, emerge como um fugitivo da justiça que encontra refúgio em Bacurau, assumindo o papel de líder na proteção dos moradores do vilarejo. Além disso, destaca-se Plínio, um erudito professor e filho de Carmelita, cuja morte marca o início de eventos enigmáticos na comunidade. Incidentes inexplicáveis, como ataques a carros-pipa por disparos de origem desconhecida, e a chegada de indivíduos estranhos à cidade, geram intriga e um senso de descontrole entre os moradores de Bacurau.

O professor Plínio é responsável por comunicar aos alunos o desaparecimento de Bacurau dos registros cartográficos do Brasil, o que indica uma desconexão completa com o restante do país. Isso é acompanhado pela interrupção dos serviços de comunicação e uma série de mortes inexplicáveis associadas à chegada de estrangeiros norte-americanos, que invadem o vilarejo com a intenção de perpetrar homicídios por entretenimento.

Posto isto, para uma melhor apreensão do contexto de *Bacurau*, será realizada uma análise de imagens e cenas específicas, as quais evidenciam aspectos cruciais da história da comunidade, bem como o emprego das ideologias linguísticas ao longo da narrativa cinematográfica. Na seguinte imagem, já podemos fisgar elementos que irá apresentar a maneira que os sujeitos devam entrar da cidade:

Imagem 1 – Fonte: *Bacurau* (2020)

No início do filme, somos confrontados com uma placa que exibe a inscrição “Bacurau 17km Se for, vá na paz”. Essa placa, inicialmente, parece ser um simples marco de distância, porém, ao adentrarmos na trama, sua mensagem ganha conotações mais profundas e simbólicas. Ao longo do filme, testemunhamos a chegada de um caminhão-pipa transportando Tereza para o enterro de sua avó, Carmelita. Esta cena é emblemática, sugerindo um pedido de socorro da população local, uma chamada por paz em meio a um contexto de abandono e desamparo. Este apelo pode ser interpretado como uma manifestação da comunidade em face da ausência de suporte por parte de um sistema que muitas vezes se mostra explorador e desprovido de preocupação com o bem-estar das populações periféricas.

Neste sentido, a placa e a cena do caminhão-pipa nos convidam a refletir sobre as dinâmicas históricas, políticas e culturais do Brasil, destacando a prevalência de interesses particulares sobre o bem comum e revelando as fissuras sociais e econômicas que permeiam a realidade brasileira. Podemos também frisar, nessa cena, que a paisagem que retrata o sertão vai além da imagem de extrema seca e vegetação morta, mas sim, no plano de fundo, é possível ver montanhas e árvores verdes, observamos muitas juremas, árvores típicas da flora nordestina, que se adaptam às condições climáticas da região. Ademais, o verde que se destaca e prevalece nas plantas, indica uma resistência da própria população em meio ao caos da cidade.

A interpretação da palavra “paz” na placa sugere o anseio dos habitantes por tranquilidade e estabilidade em Bacurau. No entanto, essa busca por paz vai além do aspecto físico e contempla também a paz da existência do outro. Bacurau é caracterizada pela falta de estrutura urbana, uma característica comum em cidades do interior e periféricas no Brasil, que muitas vezes são negligenciadas e marginalizadas pelo capitalismo e pelos grandes centros urbanos, elementos que causam conflito naquele contexto.

A falta de desenvolvimento urbano é evidente na estrada sem asfalto de Bacurau, refletindo a ausência de estrutura. O termo condicional “se” na placa “se for, vá na paz” adiciona uma camada de resistência, alertando para os desafios e adversidades que os visitantes podem encontrar. Isso sugere a resiliência da comunidade em manter sua identidade e integridade. A associação do termo “paz” com o condicional “se” subverte as expectativas convencionais, destacando que a paz é conquistada em meio à adversidade e resistência.

Além das interpretações simbólicas da placa, o filme também nos apresenta com imagens reveladoras, como a cena em que o personagem Plínio discursa no velório de sua mãe Carmelita. Nesse momento, a linguagem torna-se uma ferramenta poderosa para explorar as complexidades da identidade e da resistência cultural. Plínio, representando a figura do educador sábio e perspicaz, por isso, sua fala se destaca diante dos ouvintes. Esta imagem é emblemática não apenas pela sua representação visual, mas também pela carga emocional e ideológica que carrega, destacando a importância da linguagem como meio de expressão e resistência dentro do contexto do filme.

Imagem 2 – Fonte: *Bacurau* (2020)



Durante o funeral de dona Carmelita, sua amiga Domingas, médica da cidade, é retratada visivelmente abalada pela perda da amiga. O sofrimento de Domingas, não é somente o sofrimento que gera dor físicas, mas sim também a emocional que acarreta fatores de provação de uma existência, existência essa não opaca, como uma grande parte pensa, mas sim de “resistência” e coragem.

Quijano (2005) argumentou sobre os aspectos de resistência dentro da perspectiva da colonialidade do saber e do poder, destacando-os como um padrão a ser seguido. Embora não estejamos lidando especificamente com uma teoria vinculada ao filme objeto deste estudo, é possível identificar esses traços no personagem do professor Plínio. Seu discurso demonstra uma firme resistência aos preconceitos e às conclusões precipitadas, o que sugere uma postura de confronto com as estruturas dominantes de poder e conhecimento.

Nesse momento de luto e reflexão, Plínio, oportunamente, utiliza a ocasião para proferir um discurso tocante sobre sua mãe falecida:

Eu queria aproveitar a participação de Domingas, que tá visivelmente emocionada, não é? Pra falar um pouco de minha mãe. Carmelita. Carmelita teve filho, teve neto, neta, bisneto, afilhado, teve muito amigo. Na família tem de pedreiro à cientista, tem professor, tem médico, tem arquiteto, michê e puta, mas ladrão ela não gerou nenhum. Tem gente em São Paulo, Europa, Estados Unidos, tem gente na Bahia, Minas Gerais, e muita gente não pôde vir aqui hoje prestar homenagem a ela, por causa do problema da nossa região. Mas eles mandaram muita ajuda, muita ajuda pra Bacurau. E isso é prova de que Carmelita e Bacurau estão em todos eles (Bacurau, 2020, 13min35s).

No funeral de dona Carmelita, o discurso do professor Plínio destaca os sucessos profissionais dos descendentes da falecida em áreas valorizadas socialmente. Ele ressalta a valorização da educação e o potencial das pessoas de origens humildes em alcançar o sucesso através dela, associando-a à classe social.

Essa abordagem do filme também abarca as ideologias linguísticas de padronização da língua e de escolarização, as quais estão interligadas às categorias de raça e classe social. Esse movimento pode ser interpretado como uma forma de resistência à colonialidade, que historicamente tem sido aplicada aos brasileiros, especialmente, aqueles do Sul do país, que muitas vezes mantêm uma visão de superioridade em relação aos nordestinos. Conforme discutido por Mignolo (2008), a colonialidade do poder se manifesta na diferenciação entre diferentes regiões, bem como entre pessoas e suas respectivas raças.

Por conseguinte, há um enfático destaque para o aspecto da valorização da educação, que não se limita à educação familiar, mas abarca também a importância da educação escolar na transformação das realidades sociais. Nesse contexto, observa-se a ideologia da padronização da língua, evidenciando a forma como a valorização da educação é sutil, porém extremamente relevante. Uma das manifestações desse aspecto reside na percepção de que aqueles que residem no Nordeste enfrentam dificuldades de acesso a uma educação de qualidade e, conseqüentemente, têm menos oportunidades de obter sucesso na vida por meio dos estudos, e, assim, proporcionar uma vida mais digna para seus descendentes.

Esta situação evidencia a valorização do sistema capitalista, onde o acesso à educação de qualidade é fundamental para o avanço social e econômico. A figura do professor Plínio emerge como de grande relevância nesse contexto, pois ele constantemente expressa a valorização da educação e o bem-estar das pessoas,

destacando-se como um defensor ativo desses valores dentro do contexto social e educacional abordado.

Imagem 3 – Fonte *Bacurau* (2020)



Na terceira imagem, observamos um diálogo entre uma mulher e um menino, no qual a mulher, caracterizada como uma “forasteira” no filme, representa uma pessoa de outra região, com pele clara, que aparentemente estava passeando pela área praticando trilha motociclística. No entanto, sua visita a Bacurau não se limitava apenas a conhecer o vilarejo; ao contrário, seu verdadeiro propósito era contribuir com um plano de assassinato de pessoas por puro prazer. A mesma intrigada para saber um pouco mais sobre a região questiona a dona do bar em que estavam: “Forasteira: Quem nasce em Bacurau é o que? Menino: É gente!” (Bacurau, 2020, 45min50s). O questionamento feito pela personagem, evidencia a mobilização das ideologias linguísticas. Ela aguarda uma resposta que se enquadre nos padrões de padronização linguística, como previsto pela ideologia predominante. No entanto, o menino, em sua resposta, invoca outra ideologia, a da diversidade linguística. Essa ideologia reconhece a existência de uma multiplicidade de variações na língua portuguesa, onde aquilo que alguns consideram correto, outros podem julgar como errado.

De acordo com Quijano (2005), a colonialidade do poder está estreitamente entrelaçada com essas ideologias, que tendem a favorecer a valorização da região Sul em detrimento do Nordeste. Essa dinâmica resulta em uma subvalorização

sistemática da região Nordeste, refletindo não apenas desigualdades socioeconômicas, mas também profundas disparidades no reconhecimento e na promoção das identidades culturais e linguísticas. A prevalência dessas ideologias reforça a hierarquia social e cultural estabelecida historicamente, perpetuando assim relações de poder desiguais e marginalizando grupos e regiões que não se enquadram nos padrões dominantes.

Imagem 4 – Fonte: *Bacurau* (2020)



Durante a aula ministrada por Plínio, o professor empenha-se em localizar Bacurau no mapa, porém é confrontado com a ausência desse vilarejo nas cartas geográficas. O desaparecimento de Bacurau do mapa desperta uma intriga generalizada entre os presentes. Essa cena não apenas enfatiza a importância simbólica de Bacurau para seus habitantes, mas também ressalta questões mais profundas relacionadas à invisibilidade e marginalização de comunidades periféricas nos registros oficiais.

O fato de Bacurau não estar representado no mapa pode ser interpretado como uma metáfora da exclusão social e política enfrentada por muitas regiões rurais e afastadas, cujas vozes e realidades são frequentemente negligenciadas ou subestimadas pelas estruturas de poder dominantes. Além disso, o desaparecimento de Bacurau do mapa sugere uma resistência à imposição de narrativas hegemônicas e à tentativa de apagar a identidade e a existência dessas comunidades. Essa

passagem instiga uma reflexão mais ampla sobre a representação, o poder e a luta por visibilidade e reconhecimento em contextos sociais e políticos complexos.

Desse modo, afirmamos que o desaparecimento do mapa de Bacurau está ligado a colonialidade do poder, pois embasados na teoria de Mignolo (2008), entendemos esse fato do desaparecimento não como algo que simplesmente se ausenta, mas se trata de uma complexidade bem maior, podendo ser situada pelo motivo de que uma região que é fortemente explorada.

Albuquerque Júnior (2011) discute a exploração do espaço nordestino, destacando não apenas o aproveitamento de terras férteis, mas também a exploração do trabalho humano, exemplificada pela contribuição dos nordestinos na construção de São Paulo. Essa exploração é fundamentada em preconceitos enraizados pela colonialidade do poder, resultando na desvalorização da região periférica do Brasil.

Na terceira imagem, o professor Plínio tenta localizar a cidade de Bacurau no mapa para seus alunos, porém encontra dificuldades ao perceber que a cidade não está ali representada como de costume. Ele menciona que em ocasiões anteriores Bacurau estava próxima à Serra Verde, uma cidade vizinha. Essa discrepância desperta um estranhamento em Plínio, mas ele opta por não transmitir essa perplexidade aos seus alunos, mantendo-se como um educador prudente. Além disso, ao abordar a figura do professor Plínio, é possível perceber a presença de um homem negro, que simboliza a resistência à hierarquização das raças.

De acordo com os pensamentos de Inhoti (2022), a hierarquização das raças é perpetuada pela linguagem clássica, que tende a posicionar os sujeitos racializados como inferiores e menos relevantes na sociedade. Isso ocorre através de padrões linguísticos que refletem e reforçam a supremacia de determinados grupos étnicos, contribuindo para estereotipar, inferiorizar e desumanizar esses indivíduos.

A representação linguística enraizada em estereótipos racistas perpetua o racismo. O professor Plínio, um homem negro, desafia essas ideologias ao demonstrar domínio da linguagem padrão e educar os moradores de Bacurau, destacando-se como exemplo de resistência.

Diante disso, observamos diversos fatores, um deles dos quais mais se destaca, é que mesmo em um pequeno povoado sem recursos por parte do governo, a cidade porta de uma educação básica que é visivelmente valorizada pelos

moradores. Ao longo do filme, podemos identificar diversos elementos que refletem essa ideia. Um exemplo notável é o ônibus escolar, que, embora não esteja mais em uso para transportar alunos, é transformado em uma espécie de horta onde várias plantas são cultivadas com cuidado e estão exuberantemente verdes. Essa cena pode ser interpretada como uma metáfora da educação, sugerindo que ela precisa ser plantada e cultivada com dedicação para que, no futuro, possamos colher seus frutos.

Além disso, a transformação do ônibus escolar em uma horta também pode ser vista como uma representação da resiliência e da capacidade de adaptação da comunidade de Bacurau diante das adversidades. Mesmo diante da falta de recursos e da negligência das autoridades, os moradores encontram maneiras criativas de utilizar os recursos disponíveis para atender às necessidades locais, demonstrando um forte senso de coletividade e autonomia. Essa cena ressalta, portanto, não apenas a importância da educação como um investimento para o futuro, mas também a capacidade da comunidade de encontrar soluções inovadoras e sustentáveis para os desafios que enfrentam.

A cena da entrega dos livros pelo prefeito Tony Jr. revela a negligência das autoridades em garantir recursos adequados para a educação em Bacurau. Os livros chegam em condições precárias, destacando os obstáculos enfrentados pela comunidade no acesso ao conhecimento. Isso ressalta a urgência de investimento e apoio governamental para melhorar as condições educacionais na região.

Imagem 5 – Fonte: *Bacurau* (2020)



Diante das condições físicas dos materiais didáticos, o professor Plínio se posiciona: “Ah, Tony Junior também doou 1000 livros para comunidade [risos da população]. A gente como sempre vai usar os que tiverem proveito, tá? Depois a gente escolhe isso junto (BACURAU, 2020, 35min 9s)”. A cena da doação dos livros pelo prefeito Tony Jr. revela resignação e sarcasmo da comunidade de Bacurau diante da negligência das autoridades na provisão de recursos educacionais adequados. O riso indica a compreensão coletiva da situação precária dos recursos. A expressão “a gente como sempre vai usar os que tiverem proveito” mostra uma atitude adaptável dos moradores, enquanto “depois a gente escolhe isso junto” sugere um desejo de participação e autonomia na seleção dos materiais educacionais. A fala de Plínio destaca a resiliência da comunidade e a necessidade de investimento governamental na educação.

Essa cena chama a atenção para o abandono do legislativo em relação à cidade de Bacurau, destacando paralelos com a realidade atual de muitas cidades do interior nordestino que ainda sofrem com má gestão pública. A conduta do prefeito Tony Jr. em "Bacurau" mostra sua priorização de interesses pessoais em detrimento do bem-estar da população. Ele demonstra pouca preocupação com os habitantes ao sacrificar a cidade por benefícios financeiros, revelando uma total falta de responsabilidade e compromisso com aqueles que deveria representar e proteger.

A conduta do prefeito Tony Jr. em Bacurau destaca uma dinâmica de poder desigual e negligente, refletindo problemas reais em áreas rurais do Nordeste brasileiro, como má gestão, corrupção e falta de investimento. Isso perpetua a marginalização de comunidades, evidenciando a necessidade urgente de mudanças políticas e sociais para priorizar o bem-estar e os direitos dos cidadãos.

Imagem 6 – Fonte: *Bacurau* (2020)



A educação emerge como um símbolo de resistência no povoado de Bacurau, onde os moradores têm acesso à educação, destacando a relevância da figura do professor na construção dessas ideologias de padronização da língua, conforme abordado por Inhoti (2022) sobre a padronização linguística. Enquanto os estrangeiros, influenciados pela colonialidade do poder, têm a visão estereotipada dos nordestinos como um povo sem educação, os habitantes de Bacurau representam a resistência, enfatizando sua cultura através da educação. Esse acesso à educação possibilita novos caminhos para a resistência de um povo de vida simples que habita um povoado pouco conhecido na região.

Ressaltamos, portanto, a importância da busca e do aperfeiçoamento pela educação como um dos principais pilares de vigor das pessoas simples de Bacurau. Este povoado tem uma história de resistência evidente, manifestada no contexto vivenciado entre os habitantes locais e os estrangeiros que chegaram para alterar o curso da cidade com diversos acontecimentos. A valorização da educação não apenas fortalece a identidade cultural e a autonomia da comunidade, mas também possibilita a construção de estratégias eficazes de força contra as adversidades impostas pela colonialidade do poder e pelas dinâmicas de opressão.

O pensamento arcaico, influenciado pela teoria da colonialidade do poder de Mignolo (2008), é evidente nos atacantes do Sul do país, os quais presumem que Bacurau seja habitado por nordestinos desprovidos de conhecimento e experiência fora da região. No entanto, as cenas revelam uma realidade distinta: os habitantes do

povoado têm acesso a tecnologias modernas, como telefones celulares, tablets, e a escola local é equipada com computadores conectados à internet e projetores. Essa dicotomia entre os recursos tecnológicos disponíveis e a negligência na provisão de materiais educacionais adequados, como os livros velhos e deteriorados, ilustra a desigualdade e a marginalização enfrentadas por essas comunidades, evidenciando a persistência dos estereótipos e preconceitos relacionados ao Nordeste do Brasil.

Imagem 7 – Fonte: *Bacurau* (2020)



Nesta imagem, observamos dois estrangeiros que chegaram a Bacurau com o objetivo de auxiliar os "gringos" na aniquilação da população local, em busca de entretenimento. Durante sua apresentação à equipe que planeja o ataque, são perceptíveis tensões relacionadas às ideologias de linguagem. A fala do personagem revela um certo preconceito ao estabelecer uma comparação entre as regiões Sul e Nordeste do Brasil, quando ele menciona: "A gente é do Sul do Brasil, uma região muito rica".

Percebemos que o personagem do filme exibe muitos traços de ideologia linguística, os quais provavelmente foram internalizados por ele de acordo com a cultura em que está inserido. Embasados nos pensamentos de Quijano (2005) sobre a colonialidade do poder, podemos observar a influência dessas ideologias, especialmente a concepção dos sulistas de que o Nordeste é um território marcado

pela pobreza, enquanto a região Sul é vista como um espaço de progresso e riqueza. Essa visão estereotipada é comum em indivíduos que não estão familiarizados com a realidade vivenciada pelos nordestinos atualmente.

Imagem 8- Estrangeiros surpresos. Fonte: Bacurau



Continuando a análise dos personagens, observamos as ideologias de linguagem presentes na mentalidade dos sulistas, especificamente da cidade do Rio de Janeiro. Na imagem, os sulistas proferem: “Aqui é mais verde do que eu esperava”. A expressão dos personagens sugere surpresa com a quantidade de vegetação na região, revelando uma expectativa prévia de aridez no Nordeste. Isso reflete estereótipos regionais e a ideia hierárquica imposta pela colonialidade do poder, onde o Sul é considerado superior ao Nordeste.

Podemos identificar a presença de muitos estereótipos em relação à região nordeste, como evidenciado pelas afirmações altamente preconceituosas feitas por duas pessoas residentes no Sul do Brasil, aparentemente jovens e com pouca experiência de vida. Essas afirmações refletem a influência de ideologias de linguagem construídas na sociedade, que perpetuam a comparação entre as regiões do país.

A comparação é amplamente influenciada pela colonialidade do poder, como abordado por Mignolo (2008), que destaca a tendência de enfatizar diferenças

geográficas para estabelecer hierarquias sociais e culturais. Contudo a paisagem que o forasteiro encontrou em terras nordestinas foi o oposto do que a ideologia de pensamento que ele carregava, por isso o estranhamento ao conhecer de fato as terras da região. Vejamos em seguida uma imagem do filme que mostra o que o sulista encontrou, como quebra de suas ideologias sobre a vegetação do sertão.

Imagem 9 – Fonte: *Bacurau* (2020)



A imagem retrata um Nordeste que contrasta com a ideia comum de uma vegetação seca e sem vida, apresentando, ao contrário, matas verdes, belas serras e uma paisagem idílica de uma casa no campo. Embora teoricamente fosse um lugar tranquilo e pacífico, no filme *Bacurau* essa cena é usada para expressar a coragem das mulheres nordestinas, que não recuam diante de seus oponentes. As ideologias de linguagem entram como uma ruptura dessas teses.

Domingas, em um ato de coragem, posiciona-se à frente de sua casa desarmada para confrontar o chefe do bando de forasteiros que invadiram Bacurau, caçando vidas humanas apenas por prazer e diversão. Esse tipo de jogo cruel de matar pessoas indefesas não é o que os estrangeiros encontram em Bacurau. Em vez disso, encontram um povo símbolo de resistência e força, que não se intimida diante dos inimigos, mas reage e usa sua história a favor de sua defesa.

Domingas personifica a coragem das mulheres nordestinas ao enfrentar o líder do bando opressor sem medo. Ela o questiona sobre as atrocidades cometidas e o impacto na paz da cidade. O líder, embora não ouça, demonstra certo respeito ao não a agredir diretamente, mas derruba a mesa com o banquete oferecido antes de partir. Isso destaca a figura feminina como uma força a ser reconhecida, mesmo diante da adversidade.

A descoberta do museu pelos estrangeiros em *Bacurau*, simboliza o confronto entre a memória histórica da comunidade e a visão invasiva dos forasteiros. Os artefatos e relatos dentro do museu narram a história de resistência e identidade cultural, destacando a importância da preservação da memória coletiva como forma de resistência e empoderamento. Essa descoberta também revela a tentativa de apagar e subverter a história local, evidenciando os esforços contínuos para proteger a identidade cultural e os direitos da comunidade.

Imagem 7 – Fonte: *Bacurau* (2020)



Imagem 8 – Fonte: *Bacurau* (2020)



O museu, em *Bacurau*, é o cenário principal da resistência, onde ocorre o confronto entre a perspectiva dos estrangeiros e a história do Nordeste. O cangaço é lembrado como um período de luta intensa, marcado tanto por atos heroicos como por sofrimentos. Para os habitantes de Bacurau, o museu é motivo de orgulho, resgatando uma época de luta enraizada na cultura nordestina. Para os estrangeiros, representa uma tentativa de apagar a história do Nordeste.

Esse cenário revela um novo cangaço um cangaço de cunho mais moderno que na própria obra é representado por Lunga, o qual faz referência ao grande nome do cangaço Lampião. Lunga lidera os defensores de Bacurau e coordena a estratégia de defesa da cidade contra os invasores estrangeiros. Todas as armas e objetos de defesa são retirados do museu da cidade, que se torna o local central do confronto. Este episódio aumenta significativamente a importância do prédio, agora dotado de mais uma memória de luta e resistência do povo nordestino.

É intrigante observar as ideologias de linguagem impostas pelos sulistas e estrangeiros, o que remete à colonialidade do poder tão retratada por Mignolo (2008), os quais muitas vezes tratam o nordestino com desprezo e subestimam suas capacidades. No entanto, foi no campo de batalha que Lunga, fazendo referência a Lampião, antigo líder do cangaço, demonstrou a determinação do povo nordestino. Ele decepou todas as cabeças dos invasores norte-americanos e as expôs como troféus na calçada da igreja do vilarejo. Essa ação não apenas mostra a força e

coragem dos nordestinos em enfrentar seus inimigos, mas também simboliza a resistência do povo contra as adversidades diárias na luta por seus ideais.

Esse evento marcante no campo de batalha, onde Lunga se destaca como um líder corajoso e determinado, representa um momento de afirmação da identidade nordestina e de resistência contra a opressão externa. A exposição das cabeças dos invasores como troféus é um ato simbólico que reitera a capacidade do povo de Bacurau em enfrentar seus adversários e proteger sua comunidade. Além disso, serve como uma poderosa mensagem de que, apesar das tentativas de subjugação e marginalização, os nordestinos permanecem firmes em sua luta diária pelos seus valores e pela preservação de sua cultura e história. Esse episódio reforça a importância da solidariedade, coragem e determinação na resistência contra as imposições externas e na busca pela autonomia e dignidade. Assim, a saga de *Bacurau* (2020) ressoa como um lembrete do poder do povo em enfrentar desafios e reivindicar seu espaço no cenário nacional e global.

5 CONCLUSÃO

Neste estudo, nos dedicamos à análise das ideologias de linguagem presentes no filme *Bacurau* (2020). Nosso objetivo central foi examinar os tensionamentos ideológicos que ocorrem no âmbito da linguagem ao longo dessa obra cinematográfica. Ao longo da análise, buscamos compreender como as ideologias linguísticas são representadas, contestadas e negociadas no contexto da narrativa de *Bacurau*, visando uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, políticas e culturais que permeiam a trama do filme.

Especificamente nossa análise consistiu em identificar as diferentes ideologias de linguagem presentes na referida obra cinematográfica. Ao longo da investigação, observamos uma variedade de ideologias linguísticas, entre elas a ideologia do saber e a ideologia de padronização da língua. A valorização da educação padrão foi evidenciada em diversos contextos do filme, como no ambiente escolar, no transporte escolar e por meio da figura do professor engajado em projetos educacionais. Além disso, notamos a utilização de recursos tecnológicos para promover aulas mais dinâmicas e atualizadas. Também exploramos a ideologia da diferenciação linguística, evidenciada pela miscigenação cultural entre os povos de diferentes regiões que habitam Bacurau, retratada como um elemento central na trama do filme.

O segundo objetivo específico consistia em analisar as intersecções entre as ideologias de linguagem e as categorias sociais de raça e classe social. Identificamos que, de fato, essas intersecções estão presentes na narrativa cinematográfica. Observamos que as ideologias de padronização da língua estão intrinsecamente ligadas a questões de raça e classe social. No filme, as falas e ações dos sulistas revelam a mobilização dessas ideologias, reforçando a supremacia da raça branca. Isso é evidenciado pelo fato de que os invasores de Bacurau são predominantemente brancos e de boa condição financeira, enquanto os habitantes locais, que são majoritariamente pobres, negros e vivem de forma mais humilde, são alvo de opressão e violência. Essa dinâmica ressalta as desigualdades sociais e raciais presentes na sociedade retratada no filme.

O terceiro e último objetivo deste estudo foi compreender a construção das ideologias de linguagem no filme "Bacurau". Para alcançar esse objetivo, analisamos

como essas ideologias foram moldadas pelos discursos dos personagens ao longo da narrativa, tanto pelos habitantes de Bacurau quanto pelos estrangeiros e sulistas que invadiram o vilarejo. Observamos que essas ideologias foram influenciadas pela colonialidade do poder, que perpetua a visão do Nordeste como uma região periférica e subordinada, em contraste com o Sul, retratado como o epicentro de prosperidade e poder econômico no Brasil. Essa análise nos permitiu entender como as representações linguísticas no filme refletem e reforçam as desigualdades e hierarquias sociais presentes na sociedade brasileira.

Diante disso, reconhecemos a relevância dessa temática para o meio acadêmico, destacando a importância de despertar um olhar crítico sobre o tema, especialmente entre os estudantes nordestinos. Através de pesquisas como esta, é possível desenvolver um senso crítico entre os alunos, possibilitando a compreensão de como as ideologias de linguagem influenciam a construção de conceitos. Dessa forma, acreditamos que este trabalho pode contribuir positivamente para a análise cinematográfica, ampliando os horizontes críticos dos espectadores e promovendo uma visão menos preconceituosa em relação ao Nordeste e suas particularidades.

No âmbito pessoal, esta pesquisa também proporcionou uma ampliação de perspectiva sobre os preconceitos de ideologias de linguagem enfrentados pela região nordestina em comparação com o Sul do país. Além disso, ajudou a fortalecer um senso de defesa contra situações de falta de conhecimento sobre a região em que vivemos.

Dessa forma, concluímos este estudo de maneira satisfatória, confirmando nossas hipóteses iniciais. As ideologias de linguagem presentes no filme *Bacurau* (2020) refletem discursos historicamente preconceituosos sobre a região nordestina, enquanto também possibilitam uma denúncia sobre a exploração dessa região. Essas conclusões foram obtidas e atendidas ao longo do trabalho, de acordo com nosso embasamento teórico.

REFERÊNCIAS

JÚNIOR, Albuquerque. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2011.

ARAGÃO, Éverton Alves. **Nordeste: escrevendo uma História Ambiental**. São Paulo: Epígrafe, 2020.

BACURAU. Direção de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 132 min, 2020.

CARVALHO, Luar Nogueira Maia. **Bacurau: uma interpretação contemporânea da resistência no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2021, 74 fls.

CORTEZ, Lucas. **Sítio ecológico preserva culturas indígenas e biodiversidade em Natal**. **G1**, RN, 24 de set. de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/sitio-ecologico-preserva-culturas-indigenas-e-biodiversidade-em-natal.ghtml>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

DENZIN, N.K. e LINCOLN, T.S. **introdução a disciplina e a prática de pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y.S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. PORTO ALEGRE: artmed, 2006.

FILHO, Ciência Geográfica - Bauru - XV - Vol. XV - (1): Janeiro/Dezembro - 2011

FRIES, Alana. **Ideologias de linguagem na modernidade recente**. Porto Alegre, 2020.

GAL, S. **Linguistic Anthropology**. In: BROWN, K. (org.). **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2. ed. Amsterdã: Elsevier, 2006. v. 7, p. 171-185.

GAL, S.; IRVINE, J. T. **Signs of difference: Language and ideology is social life**. Cambridge, RU: Cambridge University Press, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, 2002.

HUTTON, Christopher M. **Linguistics and the Thrid Reich: mother-tongue fascism, race and the science of language**. New York: Routledge, 1999.

INHOTI, Aline. **“O mundo acadêmico é bem diferente do que pensamos” ideologias de linguagem em práticas de letramento acadêmico de alunos do curso de letras de uma universidade pública potiguar**/ Aline Almeida Inhoti. Maringá: UEM, 2022.

IRVINE, Judith T. **When talk isn't cheap: Language and political economy.** *American Ethnologist*, v. 16, n. 2, 1989, p. 248-267.

MACÊDO, Heitor Feitosa. **Sertões do Nordeste: Inhamuns e Cariris Novos Volume I** / Heitor Feitosa Macêdo - Crato: A Província Edições, © 2015.

Petrônio Domingues. **O “Coristo preto”:** cangaço, raça e banditismo no Nordeste brasileiro. p. 1-39, 2017.

PINTO, J. P. **Ideologias linguísticas e a instituição de hierarquias raciais.** Revista da ABPN; v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência; janeiro de 2018, p.704-720.

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SANTOS, Sanadia Gama dos. **Práticas de letramento e negociação de identidades em um povoado no agreste de Alagoas/Sanadia Gama dos Santos.** – Maringá, PR,2020.

SILVA, R. R. da. **Os sesmeiros dos sertões de Mombaça: um estudo acerca de suas trajetórias e relações sociais (1706-1751).** Revista de Humanidades. Vol. 9, nº 24, UFRN, 2008.

Silverstein, M. **Language Structure and Linguistic Ideology.** In: CLYNE, P.; HANKS, W.

TORQUATO, C. P. **Migrantes haitianos no sul do Brasil: Ideologias linguísticas em práticas linguísticas numa aula de Português Língua Adicional.** Letras & Letras, [S. l.], v. 35, n. especial, p. 200–222, 2019. DOI: 10.14393/LL63-v35nEsp2019-10. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/49595>. Acesso em: 13 abr. 2022

VIEIRA, M.M.F e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração:** teoria e práticas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

WOOLARD, K. A; SCHIEFFELIN, B. **Language Ideology.** *Annual Review of Anthropology*. v.23, p.55-82. 1994.